

Como seduzir uma musa¹

João de Mancelos

(Universidade Católica Portuguesa)

Pode acontecer a qualquer altura e nos lugares mais insólitos: durante o duche, a meio de uma reunião bocejante no escritório, ou no metro sobrelotado quando regressamos a casa. Repentinamente, uma lâmpada acende-se sobre a nossa cabeça, como numa banda desenhada, e surge-nos uma ideia tão genial que exige ser transposta para o papel, de imediato. Por vezes, essa dádiva dos deuses, como dizia Paul Valéry, resume-se a um único verso; noutras ocasiões, mais pródigas, prolonga-se por páginas e páginas, escritas febrilmente. A essa vontade mágica e irreprimível de escrever chamamos inspiração.

Tais momentos são raros e preciosos. O impulso criativo tanto pode desvanecer-se em escassos minutos como prolongar-se numa espécie de êxtase. No glorioso dia de 8 de Março de 1914, Fernando Pessoa gatafunhou as três dezenas de poemas de “O Guardador de Rebanhos” e deu à luz um dos seus heterónimos mais celebrados: Alberto Caeiro, o mestre. Também George Orwell, autor de “Mil Novecentos e Oitenta e Quatro”, sentiu esse ímpeto irreduzível, aquando do internamento num hospital, com tuberculose. Sentado numa cama metálica, escrevia à máquina durante horas, sem cessar. Quando os médicos, fartos do matracar das teclas, lhe confiscaram a Remington, desatou a tomar notas com a mão direita. Em desespero de causa, as enfermeiras engessaram-lhe o braço. Foi inútil: passou a escrever com a esquerda.

Embora alguns autores prefiram o trabalho árduo e a persistência, nenhum permaneceu indiferente ao relâmpago da inspiração, e todos já se questionaram: de onde vêm as ideias que valem ouro? Faz parte da natureza humana tentar concretizar o abstrato. Ao longo de milénios, para visualizar a inspiração, escritores e artistas personificaram-na numa mulher esbelta e caprichosa, que é preciso saber seduzir. Luís de Camões, por exemplo, atribuía o sopro inspirador às Tágides, as sensuais ninfas que se banhavam no Tejo, e não hesitou em invocá-las em “Os Lusíadas”, pedindo o “engenho e a arte”.

Numa visão radicalmente diferente, García Lorca acreditava num ser sombrio e visceral: o duende inspirador. Esta força era necessária tanto para entoar uma balada cigana como para escrever um romance. Relata Lorca que, certa noite, a célebre cantora andaluza Pastora Pavón tentava, com toda a técnica, agradar ao público, mas sem êxito. O que os ouvintes desejavam não era a perfeição, mas sim a *alma*, o génio. Então, Pastora bebeu de um trago um copo de

¹ Mancelos, João de. “Como seduzir uma musa”. *Os meus livros* 87 (jun. 2010): 37.

aguardente, e desatou a cantar como uma louca, desgrenhada, sem fôlego, mas com “um duende furioso e avassalador (...) que fazia os ouvintes rasgarem roupas”.

Porque a inspiração se desvanece facilmente, aconselho o escritor aprendiz a tomar nota dos pensamentos brilhantes, mal estes surgem. Diz um ditado: “uma boa ideia é como uma lebre: ou a agarramos ou só vemos as orelhas a desaparecem”. Por isso, traga sempre consigo um lápis e um bloco de notas — não vá a musa apanhá-lo de surpresa e oferecer-lhe uma canção.